

Jorge Luis Borges

História Universal da Infâmia

Tradução de José Bento

 QUETZAL | série Jorge Luis Borges

Prólogo da primeira edição

Os exercícios de prosa narrativa que formam este livro foram executados de 1933 a 1934. Derivam, creio, das minhas releituras de Stevenson e de Chesterton, e também dos primeiros filmes de Von Sternberg e talvez de certa biografia de Evaristo Carriego. Abusam de alguns processos: as enumerações díspares, a brusca solução de continuidade, a redução da vida inteira de um homem a duas ou três cenas. (Esse propósito visual rege também o conto «O homem da esquina rosada».) Não são, não procuram ser, psicológicos.

Quanto aos exemplos de magia que fecham o volume, não tenho outro direito sobre eles que os de tradutor e leitor. Por vezes creio que os bons leitores são cisnes ainda mais tenebrosos e singulares que os bons autores. Ninguém me negará que as peças atribuídas por Valéry ao seu mais-que-perfeito Edmond Teste valem manifestamente menos que as de sua esposa e amigos.

Ler, para já, é uma atividade posterior à de escrever: mais resignada, mais cortês, mais intelectual.

J.L.B.

Buenos Aires, 27 de maio de 1935

Prólogo da edição de 1954

Eu diria que barroco é o estilo que deliberadamente esgota (ou quer esgotar) as suas possibilidades e que atinge os limites da sua própria caricatura. Em vão Andrew Lang quis arremedar, a cerca de mil oitocentos e oitenta e tantos, a *Odisseia* de Pope; esta obra era já a sua própria paródia, e o parodista não pôde exagerar a sua tensão. *Barroco* (*Baroco*) é o nome de um dos modos do silogismo; o século XVII aplicou-o a determinados abusos da arquitetura e da pintura do século anterior; eu diria que é barroca a etapa final de toda a arte, quando esta exhibe e delapida os seus meios. O barroquismo é intelectual, e Bernard Shaw declarou que todo o labor intelectual é humorístico. Este humorismo é involuntário na obra de Baltasar Gracián; voluntário ou consentido, na de John Donne.

Já o título excessivo destas páginas proclama a sua natureza barroca. Atenuá-la teria equivalido a destruí-las; por isso prefiro, desta vez, invocar a sentença *quod scripsi, scripsi* (S. João, 19, 22) e reimprimi-las, após 20 anos, tal qual. São o jogo irresponsável de um tímido que não ousou escrever contos e se distraiu a falsear

e tergiversar (sem justificação estética algumas vezes) histórias alheias. Destes ambíguos exercícios passou à trabalhosa composição de um conto direto – «O homem da esquina rosada» – que assinou com o nome de um avô dos seus avós, Francisco Bustos, e que conseguiu um êxito singular e um pouco misterioso.

No seu texto, que é de tom campestre, notar-se-á que intercalei algumas palavras cultas: vísceras, conversões, etc. Fi-lo, porque o compadre pretende ser fino ou (esta razão exclui a outra, mas é talvez a verdade) porque os compadres são indivíduos e não falam sempre como o Compadre, que é uma figura platónica.

Os doutores do Grande Veículo ensinam que o essencial do Universo é a vacuidade. Têm plena razão no que se refere a essa mínima parte do Universo que é este livro. Povoam-no patíbulo e piratas, e a palavra *infâmia* desconcerta no título, mas sob os tumultos não há nada. Não é mais que aparência, que uma superfície de imagens; por isso mesmo pode agradar, talvez. O homem que o executou era bastante infeliz, mas divertiu-se a escrevê-lo; oxalá algum reflexo daquele prazer alcance os leitores.

Na secção «*Etcetera*» incluí três novas peças.

J.L.B.

«I inscribe this book to S.D.: English, innumerable and an Angel. Also: I offer her that kernel of myself that I have saved, somehow – the central heart that deals not in words, traffics not with dreams and is untouched by time, by joy, by adversities.»¹

¹ Em inglês no original, esta dedicatória que se poderá traduzir: «Dedico este livro a S.D.: inglesa, inumerável e um Anjo. Também: ofereço-lhe aquele núcleo de mim mesmo que salvei – o íntimo coração que não se revela em palavras, não trafica com sonhos e que o tempo, a alegria e as adversidades não conseguem tocar.» (N. do T.)

O atroz redentor Lazarus Morell

A CAUSA LONGÍNQUA

Em 1517, o padre Bartolomé de las Casas teve muita pena dos índios que se extenuavam nos laboriosos infernos das minas de ouro das Antilhas e propôs ao imperador Carlos V a importação de negros, que se extenuaram nos laboriosos infernos das minas de ouro das Antilhas. A essa curiosa variação de um filantropo devemos factos infinitos: os *blues* de Handy, o êxito alcançado em Paris pelo pintor doutor oriental D. Pedro Figari, a boa prosa bravia do também oriental D. Vicente Rossi, o tamanho mitológico de Abraham Lincoln, os 500 mil mortos da Guerra de Secessão, os 3300 milhões gastos em pensões militares, a estátua do imaginário Falucho, a admissão do verbo *linchar* na 13.^a edição do *Dicionário da Academia*, o impetuoso filme *Aleluya*, a forte carga de baioneta conduzida por Soller à frente dos seus Pardos y Morenos no Cerrito, a graça da menina Fulana, o mulato que assassinou Martín Fierro, a deplorável rumba «El Manisero», o napoleonismo corajoso e encarcerado de Toussaint Louverture, a cruz e a serpente no Haiti, o sangue das cabras degoladas pela catana do *papaloi*, a *habanera* mãe do tango, o candombe.

Além disso: a culpável e magnífica existência do atroz redentor Lazarus Morell.

O LUGAR

O Pai das Águas, o Mississípi, o rio mais extenso do mundo, foi o teatro digno desse incomparável canalha. (Álvarez de Pineda descobriu-o e o seu primeiro explorador foi o capitão Hernando de Soto, antigo conquistador do Peru, que entreteve os meses de prisão do inca Atahualpa ensinando-lhe o jogo do xadrez. Morreu e por sepultura deram-lhe as suas águas.)

O Mississípi é um rio de peito vasto; é um infinito e escuro irmão do Paraná, do Uruguai, do Amazonas e do Orenoco. É um rio de águas mulatas; mais de 400 milhões de toneladas de lodo insultam anualmente o golfo do México, descarregadas por ele. Tanta escória venerável e antiga construiu um delta, onde os gigantescos ciprestes dos pântanos crescem dos despojos de um continente em perpétua dissolução e onde labirintos de barro, de peixes mortos e de juncos dilatam as fronteiras e a paz do seu fétido império. Mais acima, no Arkansas e no Ohio, alongam-se terras baixas também. Habita-as uma estirpe amarelenta de homens esqualidos, propensos à febre, que olham avidamente as pedras e o ferro, porque entre eles não há mais que areia e lenha e água turva.

* * *

OS HOMENS

Nos princípios do século XIX (a data que nos interessa) as vastas plantações de algodão que havia nas margens eram cultivadas por negros, de sol a sol. Dormiam em barracas de madeira, sobre o piso de terra. Fora da relação mãe-filho, os parentescos eram convencionais e turvos. Tinham nomes, mas podiam prescindir dos apelidos. Não sabiam ler. A sua amolecida voz de falsete cantarolava um inglês de lentas vogais. Trabalhavam em filas, curvados sob o azorrague do capataz. Fugiam, e homens de fortes barbas saltavam sobre belos cavalos e cães próprios para caçar feras e seguiam o seu rasto.

A um sedimento de esperanças irracionais e medos africanos tinham junto as palavras da Escritura: a sua fé, por conseguinte, era a de Cristo. Cantavam profundos e amontoados: *Go down Moses*. O Mississípi servia-lhes de magnífica imagem do sórdido Jordão.

Os proprietários dessa terra trabalhadora e desses bandos de negros eram ociosos e ávidos cavalheiros de cabeleira ao vento, que habitavam enormes casarões voltados para o rio – sempre com um pórtico pseudo-grego de madeira de pinheiro-branco. Um bom escravo custava-lhes mil dólares e não durava muito. Alguns cometiam a ingratidão de adoecer e morrer. Havia que tirar desses bens instáveis o maior rendimento. Por isso os tinham nos campos desde que rompia o sol até aos seus últimos raios; por isso exigiam das plantações uma colheita anual de algodão ou tabaco ou açúcar. A terra,

fatigada e maltratada por essa cultura impaciente, ficava exausta em poucos anos: o deserto confuso e sujo de barro metia-se nas plantações. Nas chácaras abandonadas, nos subúrbios, nos exíguos canaviais e nos lodaçais abjetos, viviam os *poor whites*, a canalha branca. Eram pescadores, vagos caçadores, ladrões de cavalos. Aos negros costumavam mendigar pedaços de comida roubada e na sua degradação mantinham um orgulho: o do sangue sem fuligem, sem mistura. Lazarus Morell foi um deles.

O HOMEM

Os daguerreótipos de Morell que costumam publicar as revistas americanas não são autênticos. Essa carência de genuínas efigies de um homem tão memorável e famoso não deve ser casual. É verosímil supor que Morell se negou à placa polida; principalmente, para não deixar rastros; de passagem, para alimentar o seu mistério... Contudo, sabemos que não foi formoso em jovem e que os olhos demasiado juntos e os lábios lineares não predispunham a seu favor. Depois, os anos conferiram-lhe essa peculiar majestade que têm os canalhas envelhecidos, os criminosos felinos e impunes. Era um cavalheiro antigo do Sul, apesar da infância miserável e da vida injuriosa. Não desconhecia as Escrituras e pregava com rara convicção. «Eu vi Lazarus Morell no púlpito», anota o dono de uma casa de jogo em Baton Rouge, Luisiana, «e escutei as suas palavras

edificantes e vi as lágrimas acudir-lhe aos olhos. Eu sabia que era um adúltero, um ladrão de negros e um assassino diante da face do Senhor, mas também meus olhos choraram».

Outro bom testemunho dessas efusões sagradas é o que fornece o próprio Morell. «Abri a Bíblia ao acaso, dei com um versículo apropriado de São Paulo e preguei uma hora e vinte minutos. Tão-pouco desperdiçaram esse tempo Crenshaw e os companheiros, porque levaram todos os cavalos dos que estavam a ouvir. Vendemo-los no estado de Arcansas, exceto um avermelhado, muito garboso, que reservei para meu uso particular. Esse também agradava a Crenshaw, mas fiz-lhe ver que não lhe servia.»

O MÉTODO

Os cavalos roubados num estado e vendidos nou- tro foram somente uma digressão na carreira delin- quente de Morell, mas representavam antecipadamente o método que agora lhe assegurava o seu bom lugar numa História Universal da Infâmia. Este método é úni- co, não só pelas circunstâncias *sui generis* que o deter- minaram, mas pela objeção que requer, pelo seu fatal manejo da esperança e pelo desenvolvimento gradual, semelhante à atroz evolução de um pesadelo. Al Capone e Bugs Moran operam com ilustres capitais e com metralhadoras servis numa grande cidade, mas o seu ne- gócio é vulgar. Disputam um monopólio, eis tudo...